
Contribuições ao estudo de Michel Serres

Humberto Calloni*

Resumo

Para Michel Serres, o planeta Terra vive um momento de profunda agonia. Palco de guerras intermináveis entre os homens, esse substrato natural da origem e sobrevivência das espécies padece ante as incontáveis formas de agressões resultantes não somente entre grupos ou nações rivais, mas ante a violência humana nas formas derivadas de um processo produtivo abusivo, parasitário e mortal. O presente artigo tem um objetivo muito específico: contribuir, para quem se inicia na leitura do filósofo Serres – esse amante da vida, do conhecimento e da paz –, com um breve relato sobre a sua vida, a sua formação e a sua mensagem. Naturalmente, trata-se de um texto modesto e despretensioso, diante da riqueza das obras de um pensador ardente e cativante, que insiste na cooperação entre as distintas culturas e no que denomina "educação terceira" ou "mestiça", a fim de salvaguardarmos a nós e o próprio planeta da derradeira extinção.

Palavras-chaves: educação, planeta Terra, conhecimento, humanismo.

Abstract

For Michel Serres the Earth lives in a moment of deep agony. Stage of endless wars among men, that natural substratum of the origin and survival of the species suffers before the countless ways of resulting aggressions not only between groups or rival nations, but from the human violence in the forms derived of an abusive, parasitic, and deadly productive process. The present article has a very specific purpose: to contribute for who begins in reading the philosopher Serres – a man that is fond of life, knowledge and peace – with a brief report on its life, its formation and its message. Naturally, it is a modest and unpretentious text, before the richness of this ardent and captivating thinker, that insists in the cooperation among the different cultures and in what he names "third" or "mestizo" education, in order to we safeguard to us and the own Earth of the final extinction.

Key words: education, Earth, knowledge, humanism.

1 – INTRODUÇÃO

Para quem se inicia à leitura das obras de Michel Serres e se debruça para estudar os ensinamentos deste filósofo francês, poderá, eventualmente, perceber que algo de insólito solicita a

* Professor do Dep. de Educação e Ciências do Comportamento – FURG; doutor em Educação – UFRGS.

atenção do estudioso ou estudiosa.¹ O leitor ou a leitora, possivelmente perplexo(a), poderá reler as primeiras páginas com mais vagar, rever onde deixou de perceber a conexão lógica entre uma e outra narrativa do escritor, selecionar certos termos e pedir ajuda aos dicionários; fechar o livro e refletir sobre o conteúdo da comunicação. Aliás, nada há, aqui, que não se caracterize como procedimento corriqueiro e familiar a muitos leitores e leitoras.

Porém, igualmente, para quem possui uma formação filosófica e presume que a *letra* de Serres manterá o padrão acadêmico do discurso filosófico, a mesma paciência e obstinação que devota ao estudo da literatura filosófica parecem ser, ainda, as melhores conselheiras. O leitor ou a leitora de Serres perceberá que, a par de um pensador ousado, o filósofo se caracteriza pela *simplicidade* coloquial em seus escritos. Em certas obras, condiciona essa mesma simplicidade a um arranjo literário ou a um estilo pessoal de reflexão que nos solicita, numa primeira aproximação, uma cuidadosa atenção exegética própria de quem se inicia e se dedica ao estudo da filosofia.

A sensação de *estranhamento* que pode ocorrer aos primeiros contatos com a literatura de Serres não deve, contudo, se constituir em um empecilho, pois, como sabemos, todo pensamento original tem essa faculdade de exigir de seus estudiosos um certo desassossego, uma certa desacomodação ou um certo estremecimento, que naturalmente ocorre quando cotejamos o nosso "saber acumulado", a nossa cultura ou visão de mundo com o que se apresenta inédito, novo, diferente ou desfocado ao nosso olhar teórico consolidado ao longo do tempo, exatamente pelo estilo de sua mensagem. Contudo, o leitor ou a leitora, ao se familiarizar com a leitura do filósofo Serres, perceberá que, ao lado de um estilo muito pessoal, algo hermético, senão

¹ Queremos nos referir precipuamente às obras do filósofo às quais tivemos acesso, traduzidas ou no original francês. Ainda assim, nem toda a obra de Serres a que tivemos acesso contém essa "dificuldade" inicial do leitor na recepção de seu estilo, como é o caso do livro *A comunicação*, em que a estrutura do texto é francamente familiar ao estilo acadêmico. Assim, quando nos referimos à noção de "estranhamento" à recepção do estilo serresiano, estamos focalizando não a generalidade de sua produção intelectual, mas as obras em que o filósofo persegue uma forma literária própria para traduzir, criar e estabelecer relações, interfaces entre ciência, mito, literatura, filosofia, educação, etc.

desafiador e mesmo intrigante de leitura, existe um pensamento ardente, erudito, denso e leve a um tempo, o que lhe faculta um certo *élan* poético atribuído por alguns de seus pares, mas, de qualquer forma, instigante e compromissado com o ser humano, à existência, ao sofrimento, à dor, à compaixão e a um chamamento à necessidade urgente de todos nós ao desvelo, ao cuidado amoroso, compreensivo e responsável em relação ao planeta Terra, onde a educação se destaca como mediação crucial para a formação de um novo olhar humano aos eventos da vida como um todo.

Pode parecer paradoxal que a *simplicidade* conviva com a estranheza numa mesma obra, como, aliás, se observa na maioria das obras do autor a que tivemos acesso. É que a simplicidade aparente reside na objetividade do seu discurso emprestado pela sua formação científica e, como dissemos acima, no uso de palavras ou termos coloquiais, do nosso dia-a-dia, o que contrasta com o discurso técnico, e mesmo específico, da filosofia: "atenho-me, sempre que posso, à linguagem corrente, embora a utilize em toda a sua amplitude. (...) A utilização paciente e refletida da língua usual, em filosofia, parece-me garantir a abertura e a paz" (SERRES, *Diálogo...*, p. 38-39).

Talvez seja esse paradoxo o que mais possa perturbar o seu eventual leitor ou leitora; ou seja, o fato de que o rigor é expresso a partir de uma linguagem coloquial, porém apurada e francamente associada a uma narração de elementos, e mesmo personagens inter cruzados, numa espécie de literatura "mesclada", "zebrada", "mestiça", como o próprio autor se autodefine. Além disso, como veremos adiante, o filósofo exacerba a utilização de metáforas e alegorias. Em seu universo literário, abundam entidades da mitologia, a fim de traduzir adequadamente essa sua compreensão acerca da *mestiçagem* do saber, do conhecimento, da comunicação, da cultura, enfim, das relações e das sínteses conectivas interdisciplinares, onde tempo e espaço enredam-se num movimento caótico para configurar a eterna transgressão do estável. Novamente, se somos habituados a ler os filósofos a partir de uma lógica interna ou sistema, com fundamentos explícitos a cada passo argumentativo de seus achados, isto é, se na linha da filosofia tradicional, desde os gregos antigos até o advento de Nietzsche

e Heidegger, podemos seguir uma trajetória lógica tributária de uma razão fundamental, com Serres esse "modelo", que poderíamos denominar *sistema de idéias*, de encadeamentos causais formando um mosaico de conhecimentos enredados numa totalidade predeterminada, cede lugar a um estilo eminentemente peculiar, em que pesem a forte influência que os clássicos greco-latinos exerceram sobre o filósofo e o fato de ter estudado toda a história da filosofia. Daí que Serres desenvolve um estilo de pensamento próprio, particular; daí, também, o nosso entendimento de que um certo "estranhamento", e mesmo "dificuldade", de compreensão imediata pode surpreender ao iniciado ou à iniciada na leitura do filósofo. Por exemplo, em poucas páginas, Serres percorre um caminho que lembra um traçado em espiral, indo da arte ao mito; deste aos dias atuais e à guerra; do direito e história ao mito novamente, e deste, outra vez, às guerras e ao Contrato, etc., lembrando um mapeamento espiral traçado por um vetor que se desloca livremente por associações, relações e sínteses espaço-temporais que, ao fim e ao cabo, emprestam, insiste o filósofo, novos sentidos a velhas questões e problemas colocados à filosofia.

Certamente essa marca pessoal de desenvolver suas reflexões traduz o resultado de uma formação interdisciplinar forjada dentro de um contexto marcante de transformações do pensamento científico e filosófico da década de 1940 em diante no ocidente. Neste sentido, revela uma indelével herança dos estudos físico-matemáticos, embora, evidentemente, não tenha se dedicado exclusivamente àquelas disciplinas², tendo mesmo contestado o estatuto da ciência apresentado no período de sua formação:

apresentei a minha dissertação com Bachelard, mas pensava para comigo que o "novo espírito científico", na moda nesse tempo (década de 50), estava muito atrasado em relação às ciências: na matemática porque, em vez de falar sobre álgebra, topologia e teoria dos conjuntos, fazia ainda referência às geometrias não-euclidianas, que já não eram nada recentes; na

² Serres foi o primeiro professor a ensinar lógica matemática em um departamento de filosofia. Abandona o ensino daquela matéria por entendê-la "limitada", "aborrecida" (Serres, *Diálogo...*, p. 45).

física acontecia o mesmo, dado que não dizia nada acerca da teoria da informação, nem, mais tarde, escutou o barulho de Hiroshima; o mesmo se passava com a lógica, e assim por diante. O modelo que apresentava das ciências não podia, aos meus olhos, passar por contemporâneo. (...) De repente, esse meio deixou de ser o meu (SERRES, *Diálogo...*, p. 22).

2 – ORIGEM E FORMAÇÃO DO FILÓSOFO

Nascido em 1930, no interior francês, Michel Serres passou grande parte de sua infância no Quercy³, uma província onde era cultivada a simplicidade bucólica e rígidos valores espirituais, em meio à população de camponeses e reideiros, e onde, navegando com seu pai ao longo do rio Garonne⁴, aprendeu a arte da pesca e a amar as águas dos rios e mares⁵. Seu pai, apelidado de Valmy, pescador e britador, além de marinho do Garonne, converteu-se ao catolicismo após a experiência da Primeira Guerra Mundial, que o fizera recrutar aos 17 anos. A tradição cátara⁶ do catolicismo francês influenciou a infância de Serres através do cultivo do Evangelho, que, segundo ele, era o único livro de sua família, o que lhe incutiu indelevelmente a crença em uma luta entre o bem e o mal presentes no mundo. Ainda assim, o filósofo resiste em pertencer ou filiar-se a qualquer

³ Região do leste da bacia de Aquitânia, na França, na orla do Maciço Central. Pode-se distinguir em alto e baixo Quercy (Larousse, 1999).

⁴ Rio da Espanha e da França; banha a maior parte do sudoeste francês. Tem 650 km, sendo utilizado especialmente para a irrigação, devido ao seu contorno irregular (Idem).

⁵ As águas (o rio, o mar, suas correntezas, suas margens) são freqüentemente utilizadas como metáforas para ilustrar seu pensamento político, social, cultural, etc. em seus textos, como influência fecunda de suas experiências pretéritas: "...o filho de um marinho torna-se sempre um marinho, tal como um rio que se lança no mar através de sua embocadura: o que existe de mais natural? Aprendi sempre as artes marítimas, tinha nascido sobre a água, a minha família vivia da água; conta-se mesmo que minha mãe, já grávida de mim, saiu por uma janela do primeiro andar da nossa casa, de barco, durante a grande inundação de 1930; portanto, eu já tinha navegado antes mesmo de eu nascer e não apenas nas águas amnióticas!" (SERRES, *Diálogo...*, p. 16).

⁶ Termo de origem grega, *katharós* significa "sem mancha, sem mácula, puro". No mundo medieval, o cátaro era um membro de várias seitas largamente encontradas na Europa; especificamente, cátaro é o membro de uma seita que interpreta a cristandade através do dualismo maniqueísta e que pratica um rigoroso ascetismo. (Dic. Houaiss, 2001).

ordem, seita, religião ou ideologia, por um princípio ético⁷ que seguirá pelo resto de sua vida, tornando-o um ardoroso estudioso autoditada, irreverente aos apelos intelectuais de sua época de formação acadêmica (1944-1960), procurando, solitário, uma via em que pudesse enfim expressar-se, livre da coerção de um pensamento único e da punição por não acatá-lo.

De fato, a ambiência vital da geração de Serres é plena de perplexidade e desconfiança em relação ao bem imanente à ciência, notadamente por parte dos cientistas que acreditavam na "neutralidade" do conhecimento e seu objetivo unicamente benéfico para a humanidade. Ou seja, a sensibilidade de Serres já o fazia vivenciar, aos seis anos de idade, os horrores da guerra civil espanhola retratada no *Guernica*⁸, de Picasso; aos nove anos, o filósofo assiste à invasão da Bélgica pelos alemães, naquilo que ficou conhecido como a *Blitzkrieg*⁹, de 1939; aos doze anos, presenciou as deportações e os campos de concentração; aos quinze anos, Hiroshima, Nagasaki e as guerras coloniais (Indochina e Argélia).¹⁰

Em 1947, é admitido na Escola Naval, à qual se candidatou por dois motivos: o fato de manter vivo o seu anelo paterno de marinheiro, e necessidade econômica, pois os estudos eram pagos. Demite-se, porém, dois anos após. Durante esse tempo, Serres estuda álgebra e análise com professores que lhe

⁷ Não desejar pertencer a um grupo, seita ou ideologia, etc., significa, para Serres, manter-se livre para formular seus próprios pensamentos, tendo um "horror quase físico à libido da pertença", por considerar que a pertença exige a "exclusão e a asfixia de quem não pertence à seita" (Serres, *Diálogo...*, p. 33).

⁸ Num depoimento, Picasso declara: "No quadro em que estou trabalhando, e que chamarei de *Guernica*, e em todas as minhas obras recentes, expressei claramente meu horror ao grupo de militares que fez a Espanha soçobrar num oceano de dor e de morte". Mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, a um oficial nazista que lhe pergunta, mostrando-lhe uma reprodução de *Guernica*, "Foi o senhor que fez isso?", ele respondeu: "Não, o senhor" (BERNADAC, s/d, p. 166).

⁹ *Blitzkrieg*: guerra-relâmpago, em alemão, como ficou conhecida a invasão da Bélgica pelos alemães e a subsequente invasão da França, contornando a proteção ilusória da linha Margiot, no início da Segunda Guerra (ROUANET, in SERRES, 1999, p. 8).

¹⁰ "A violência, a morte, o sangue e as lágrimas, a fome, os bombardeios, a deportação, atingem os da minha geração e ferem-nos definitivamente, dado que esses horrores ocorrem durante a sua formação física e emocional. A minha juventude vai de *Guernica* – não consigo olhar para esse célebre quadro de Picasso – a Nagasaki, passando por Auschwitz" (SERRES, *Diálogo...*, p. 11).

marcarão grande parte de seu estilo literário posterior.¹¹ Sua saída da Escola Naval coincide com a sua licenciatura em Matemática, em 1949.

Após preparar sua admissão, acede, em 1952, à Escola Normal Superior, onde passa a viver em meio a literatos e cientistas. Cursa história das ciências, epistemologia e realiza estudos literários. Vive sempre muito só¹², interessando-se cada vez mais por lógica matemática e sem deixar de ler Simone Weil¹³, única filósofa por quem se deixou *efetivamente* influenciar, e de quem recebeu – além da ambientação católica de sua família, na infância – uma fervorosa formação religiosa, e na convicção de que era necessário pensar, refletir, filosofar acerca da realidade da violência humana em todos os sentidos. Em 1953, viaja para a Inglaterra para estudar Russel¹⁴ (1872-1970) e Wittgenstein¹⁵ (1889-

¹¹ "Nesses anos, tive a felicidade de ouvir grandes professores de álgebra e análise, desses que fazem compreender tudo, tensores ou estruturas, com um só gesto de mão. Seu estilo ficou para mim como um ideal, onde a verdade rigorosa vem acompanhada da beleza: demonstrações rápidas, elegantes, fulminantes, até" (SERRES, 1999, p. 14). O filósofo abandona a Escola Naval porque, apesar de seu sentimento em relação às "águas" e estudos pagos, a violência implícita à militarização não se coadunava com seu espírito voltado à paz.

¹² "As ciências não faziam ainda parte da moda intelectual, e, sempre muito sozinho, não tinha ninguém com quem falar. Mas habituei-me a isso" (SERRES, *Diálogo...*, p. 17).

¹³ Foi através da revista *Esprit* que Serres teve conhecimento de Simone Weil e as primeiras repercussões filosóficas de Hiroshima. Mas foi definitivamente *La Pesanteur et la Grâce* que fez Serres "trocar" as ciências pela filosofia: "sim, ela foi a única filósofa que verdadeiramente me influenciou" (*Diálogo...*, p. 31). "O pensamento filosófico de Simone Weil (1909-1943) – judia nascida em Paris, França – pode ser caracterizado como de uma 'mística esclarecida'. Renunciou à vida acadêmica para trabalhar como operária. Em 1938, viveu uma profunda crise religiosa que a levou ao Cristianismo, mas sem abjurar sua condição de judia. Os principais temas de suas meditações giram em torno desse seu aforismo: 'duas forças reinam no universo: a luz e a gravidade (peso). A luz é o sobrenatural, a graça; a gravidade é a natureza (...). A luz ilumina a gravidade e a atrai para si, elevando-a'. (...). Todas as suas obras são póstumas" (Dicionário Básico de Filosofia, 1990, p. 247).

¹⁴ Bertrand Russel, filósofo e matemático inglês, foi professor da Universidade de Cambridge. Sua obra é vasta, destacando-se estudos de lógica, filosofia da matemática e da linguagem.

¹⁵ Ludwig Wittgenstein, filósofo austríaco, professor da Universidade de Cambridge (1929-1947), tendo estudado com Russel. É um dos fundadores da filosofia analítica. Publicou, em vida, o seu *Tractatus logico-philosophicus* (1921), onde assevera que a filosofia tem por finalidade a análise da linguagem, de seu

1951), consolidando seu interesse pela lógica matemática, sendo o primeiro professor a lecionar essa disciplina, quando, em 1955, passa a ser assistente de filosofia na Escola Normal Superior.

No âmbito de sua formação, o filósofo assistiu, ou melhor, participou, viveu três grandes revoluções das ciências de seu tempo. A primeira foi no campo das matemáticas, que passaram do cálculo infinitesimal ou da geometria para as estruturas algébricas e topológicas¹⁶. A segunda transformação ocorrida deu-se na física, onde Serres é surpreendido pela mecânica quântica e a teoria da informação¹⁷, quando, em 1959, o filósofo lê *La science et la théorie de l'information*, de Brillouin, comentando ser uma "verdadeira filosofia da física" e "uma autêntica física e uma filosofia". A terceira grande revolução, para Serres e seu tempo, foi ter conhecido Jacques Monod¹⁸, tornando-se amigo – "um amigo maravilhoso" – por muito tempo, que introduziu o filósofo à

alcançe e de seus limites.

¹⁶ "Eis minha primeira escola" (Serres, *Diálogo...*, p. 23). Sua dissertação, com Bachelard, versou sobre "a diferença entre o método algébrico de Bourbaki e o das matemáticas clássicas que o precederam". Procura redefinir o estruturalismo matemático (álgebra e topologia) na filosofia, o que o torna, de alguma forma, um predecessor do estruturalismo: "a minha primeira revolução científica e intelectual; um extraordinário abalo que alterou toda a minha vida!" (Idem, p. 20-21).

¹⁷ As transformações ocorridas na matemática sensibilizaram Serres para o acompanhamento das "revoluções" ocorridas em outros domínios das ciências, como o da física e biologia. Assim, passou a dar uma importância decisiva à obra de Léo Brillouin (1889-1969) [físico francês, especialista em física quântica e inovador acerca da teoria da informação por sua descoberta em torno da analogia entre informação e entropia, o que favoreceu o desenvolvimento da cibernética e da informática] e à "teoria da informação, na física e, muito mais tarde, às questões relacionadas com a turbulência, a percolação, a desordem e o caos; isso pareceu-me tão importante como mudança de estado de espírito, como revolução no método algébrico. A física mudava, revelava-se um mundo exterior inteiramente novo" (Idem, p. 23).

¹⁸ Médico e biólogo francês (1910-1976). Compartilha com outros cientistas seus trabalhos sobre os mecanismos da regulação genética em nível celular e a descoberta do ARN mensageiro. Prêmio Nobel de Medicina de 1965. "Ora, comenta Serres, uma tempestade semelhante varreu justamente as ciências da vida. Os que queriam ser bioquímicos compreenderam que a sua revolução, depois da teoria da informação, adviria das questões levantadas pelo *What is life?*, de Schrödinger (1887-1961) [físico austríaco que contribuiu para o estabelecimento definitivo da mecânica quântica, dedicando-se também aos problemas epistemológicos da física moderna e suas relações com a biologia (*What is life?*). Prêmio Nobel de Física de 1933].

bioquímica contemporânea. O acaso e a necessidade, de Monod, considerada obra inédita na época, cujos manuscritos Serres teve o privilégio de ler antes mesmo de sua publicação, figurou a terceira transformação do filósofo.

Se o conhecimento das ciências¹⁹ tem conduzido Serres para a Filosofia, esta o conduz para as humanidades²⁰, não apenas porque as ciências (positivas) por si mesmas não conseguem pensar a dor, a pobreza, a morte, a violência e o amor, mas porque o filósofo percebe que a fragmentação do conhecimento, a "cultura" fragmentada entre especialistas, técnicos de um lado e literatos de outro, proporciona uma espécie de "esquizofrenia" (*Diálogo...*, p. 43) ou destruição da própria "cultura"²¹.

Ainda que sua formação acadêmica passe por três bacharelados (Matemática, Literatura Clássica e Filosofia), a sua visão de mundo é forjada não somente pelos estudos secundários e superiores, mas pelas experiências pessoais consubstanciadas, seja em relação à ética do conhecimento (políticas em relação às ciências); seja em relação à mística de sua origem católica de linhagem cántara; seja em relação à violência a que assiste

¹⁹ Serres mantém a compreensão de que o ser humano pratica dois tipos de ciência: as "ciências duras" ou "duras o bastante" (matemática, física, química, biologia) e as "ciências leves" ou humanas (etnologia ou pré-história, letras, a tradição dos estudos clássicos, enfim.). Porém, é justamente este dualismo consagrado na formação científica e humanidades que o filósofo pretende superar, na medida em que propõe a comunhão de uma formação alicerçada em estudos a um tempo estéticos, éticos e epistemológicos, ou seja, na compreensão da arte, da ciência, da filosofia, da história, etc., tal como são apreendidas na contemporaneidade, e a relação destas com o desenvolvimento histórico de suas criações.

²⁰ Para S. P. Rouanet, o sentido atual e forte do termo humanidades designa "as disciplinas que contribuem para a formação (*Bildung*) do homem, independentemente de qualquer finalidade utilitária imediata, isto é, que não tenham necessariamente como objetivo transmitir um saber científico ou uma competência prática, mas estruturar uma personalidade segundo uma certa *paideia*, vale dizer, um ideal civilizatório e uma normatividade inscrita na tradição (...)" (Dic. Básico de Filosofia, p. 123).

²¹ É possível perceber que o filósofo mantém seu anelo *iluminista* em que o conhecimento tem por interesse a libertação da ignorância. Daí o necessário resgate da tradição na formação cultural (dos indivíduos), ou seja: "(...) as questões levantadas desde a aurora dos tempos pelo que denominamos as humanidades ajudam a repensar aquelas que se levantam hoje à nossa volta e por causa das ciências" (SERRES, *Diálogo...*, p. 43).

durante a infância e adolescência; seja por acreditar que a criação e invenção do saber casam-se bem com solidão de um autodidata, seja, por fim, porque o ambiente intelectual, político e ideológico dominante na *École Normale Supérieure*, nos anos de pós-guerra, deixaram marcas profundas e possivelmente irreversíveis em seu espírito já sensibilizado pela violência e sofrimento do passado vivido, esquecendo-se, portanto, de interessar-se, com maior acuidade, a duas escolas de pensamento que, na época, prevaleciam: o marxismo²² e a fenomenologia. Por isso, entendemos necessário acrescentar, neste sentido, as próprias palavras do filósofo em relação a sua formação e ambiência social durante os anos de 47-60:

O meio intelectual contemporâneo do pós-guerra, entre 1947 e 1960, reagiu à sua maneira, não sei como o exprimir, a essa série de acontecimentos, para constituir uma das sociedades mais terroristas que a *intelligentsia* francesa jamais formou. Nunca nele conheci a liberdade. Na *École normale supérieure*, como noutras partes, reinava o terror; poderosos grupos mantinham mesmo por vezes alguns tribunais, com júris constituídos, para neles se acusar este ou aquele delito de opinião, apelidado crime intelectual; um 'comando' ia buscar os alunos às suas camaratas para os submeter a julgamento. Stalinistas também, muitas vezes, os professores de Filosofia. Da Escola guardo uma lembrança quase tão terrífica como da

²² Tanto quanto se depreende de suas obras e de seus depoimentos, Serres não possui uma leitura marxiana ou marxista da história e da cultura, por motivos, quem sabe, oriundos da associação entre os escritos de Marx e o terrorismo stalinista (que é a expressão máxima da degradação dos estudos de Marx; a versão/transgressão/ deturpação vil e desumana do ideário comunista, tais como os totalitarismos de direita, consubstanciados em Hitler e Mussolini) reinante em sua época de formação. Talvez por isso o filósofo passa ao largo de uma "percepção crítica" da realidade histórica que engendra a violência, as guerras, as disputas pelo poder político, social e cultural como expressões de formações materiais que agudizam as diferenças entre os grupos humanos. Neste sentido, Serres realiza uma leitura da realidade sem incorporar possíveis contribuições da gênese "materialista" dos processos históricos, preferindo a sedução do estruturalismo conjugado com a tradição clássica e as descobertas científicas de seu tempo. Portanto, não é com desprezo teórico que Serres renuncia à "auto-estrada Marx", mas pelo efeito nefasto que a deturpação stalinista causou aos ideários comunistas, ou seja: "Não falo sequer de conteúdos intelectuais, mas de ambiência..." (SERRES, *Diálogo...*, p. 14), que prefere esquecer a descrever em pormenor, ao referir-se ao marxismo (stalinista).

guerra de 36, que despejava os refugiados espanhóis no Sudoeste da França, da guerra de 39, dos campos, ou da Libertação (...) (SERRES, *Diálogo...*, p. 14)

Estes aspectos pontuais da trajetória de vida e de formação da personalidade do filósofo destacam, em linhas gerais, um conjunto de sensibilidades que parece ter contribuído para determinar uma de suas preocupações presentes em suas obras, ou seja, a reflexão acerca da relação entre ciência e violência, ou razão tecno-científica e direito.

3 – ESTILO NARRATIVO

Por outro lado, o estilo filosófico peculiar de Michel Serres, isto é, a estrutura narrativa do seu texto revela sintomáticas influências de autores e obras. Neste sentido, é possível inferir que a inclinação à cultura greco-romana, a formação matemática (o gosto pelas demonstrações breves, concisas, saturadas), as leituras de Simone Weil e o Evangelho emprestaram a Serres uma narração literária raramente observável. Num único parágrafo podemos perceber uma congregação de elementos que definem essa peculiaridade acima referida. Tomemos um exemplo na obra *Filosofia mestiça*, no subtítulo "Sentido":

A verdadeira passagem ocorre no meio. Qualquer sentido que o nado tome, o solo jaz a dezenas ou centenas de metros sob o ventre, ou a quilômetros atrás e na frente. Eis o nadador sozinho. Deve atravessar, para aprender a solidão. Esta se reconhece no desvanecimento das referências" (SERRES, 1993, p. 12)

O vocabulário empregado em *Filosofia mestiça* nada lembra a terminologia filosófica da tradição, mas palavras facilmente encontradas em um dicionário. Mesmo assim, a característica metafórica de suas narrativas e o uso freqüente de parábolas pode dificultar sobremaneira a compreensão de suas mensagens até o momento em que o seu leitor ou a sua leitora decodifique a estrutura própria de sua literatura, a assimetria de seus arranjos temáticos sempre em forma de relações, uma certa ênfase peremptória em suas afirmações e interrogações precisas que, certamente, têm a dupla finalidade de, a um tempo, desvelar o encadeamento de suas reflexões e também associar o

seu leitor/leitora no próprio enredo, cujo personagem principal é o próprio autor-narrador na primeira pessoa. Abertura na forma narrativa, clareza, síntese, movimento e relação são partes dos elementos presentes no conjunto de suas obras, cujo processo de demonstração se desloca sempre "vetorialmente", jamais partindo de um ponto único ou fundamento, mas invariavelmente de relações. Daí que o seu método de abordagem confunde-se com o próprio estilo, que

É de origem algébrica ou topológica, oriundo da matemática das estruturas, nascida neste século. (...) a princípio, bastante curioso, aproxima as coisas mais díspares. E foi isso que depressa me criticaram: a vizinhança entre a teoria das turbulências e o poema de Lucrecio, entre a termodinâmica e os romances de Zola. (...) via-me irremediavelmente condenado a abandonar o estilo clássico ou técnico da filosofia (...), portanto, resolvi utilizar, pouco a pouco, cada vez mais, a linguagem natural, a de todos os dias..., refinando-a ao máximo (SERRES, *Diálogo...*, p. 100-102).

O filósofo insiste que "O *summum* da filosofia pode assentar numa pequena narrativa. Terá sido o Evangelho que me ensinou isso, com o seu uso constante de parábola?" (Serres, *Diálogo*, p. 39)

Ainda que Serres crie um método peculiar de expor ou demonstrar seus pensamentos, utilizando-se de um operador (Hermes)²³ para realizar as aproximações ou conexões enquanto intermediário, nota-se, repetimos, a forte influência de Simone Weil e de sua obra *A Gravidade e a Graça* na forma distributiva dos textos, na inflexão das palavras, nos subtítulos lacônicos e no uso de parábolas e metáforas. Novamente, observa-se que a peculiaridade da literatura, da filosofia de Serres é o resultado de

²³ Na mitologia grega, Hermes é filho de Zeus e de Maia, aparecendo nas lendas principalmente como mensageiro de Zeus e das divindades infernais (Dic. Mit. Grega, 1990, p. 193). Michel Serres toma emprestada de Hermes a multifacetada capacidade de deslocar-se entre os universos, utilizando-o objetivamente enquanto propriedade metafórica de intermediário, mediador ou operador das relações, de aproximações, etc., a fim de gerar o novo, a criação ou o invento. "Metáfora quer dizer, precisamente, transporte. Eis realmente o método de Hermes: ele exporta e importa, portanto atravessa, inventa e pode enganar-se por causa da analogia" (SERRES, *Diálogo...*, p. 95); "Hermes, o mensageiro, traz consigo, primeiro, a clareza nos textos e os signos herméticos, ou seja, obscuros. Uma mensagem passa lutando contra o ruído de fundo; também Hermes atravessa o ruído em direção ao sentido" (id., *ibid.*, p. 94).

uma convergência de influências externas e elaborações internas de um pensador interdisciplinar por excelência, erudito sem ser presunçoso, irreverente, autodidata, criador, polêmico, profundo amante da vida, da paz, do conhecimento, dos humanos e da natureza.

Daí que, insistimos, o estilo narrativo de Serres, sua idiossincrasia literária enquanto filósofo e epistemólogo, traduz um conjunto de influências culturais de sua formação científica, de seu anelo religioso e, fundamentalmente, de suas vivências e crenças pessoais. Como autodidata, professor, pesquisador e escritor, a preocupação de onde deriva toda a sua extensa obra vincula-se à denúncia das mais diversas formas de violência humana e a necessária construção da paz. Seu amor pela vida, pelos homens e mulheres, pela natureza e pelo planeta em que vivemos tece um conjunto de reflexões voltadas às *necessidades* de um tempo presente, e se projeta para o futuro. O humanismo que define o ideário filosófico de Serres transcende o caráter humanista centrado unicamente no ser humano, na medida em que a ênfase antropológica das preocupações metafísicas da filosofia tradicional cede lugar ao biocentrismo²⁴, lugar por excelência em que gravita o conjunto de temas em que o amor à vida faz com que nada seja excluído, mas, ao contrário, onde tudo se revele enredado numa complexa rede de relações. O humanismo, em Serres, constrói-se a partir de uma visão de conjunto, de compromisso *urgente*²⁵ para que o ser humano repense a sua conduta em relação a si mesmo e em relação ao planeta Terra, na medida em que o mundo não se restringe mais ao humano, sua razão, seus interesses e paixões. Há algo a

²⁴ O conceito é de Marcelo L. Pelizzoli, com o qual concordamos. "De saída, vê-se que a tese de Serres é de fundo biocêntrico, e quer ver na natureza um sujeito com direitos intrínsecos" (PELIZZOLI, 1999, p. 34). De fato, trata-se da vida como fenômeno irradiador de uma unidade simbiótica, cujo equilíbrio dinâmico entre o ser humano e a natureza é decisivo para a mútua preservação. "O que é a natureza? Em primeiro lugar, o conjunto das condições da própria natureza humana, as suas limitações globais de renascimento ou de extinção, a estalagem que lhe dá alojamento, aquecimento e comida; além disso, ela priva-a disso, logo que abuse. Condiciona a natureza humana que, a partir desse momento, passa a condicioná-la. A natureza conduz-se como um sujeito" (SERRES, *O contrato natural*, p. 62).

²⁵ A expressão e o grifo são nossos.

mais que habita o planeta, e há algo a mais que desfruta das mesmas condições naturais: o próprio planeta Terra como ser vivo. O ser humano, ainda que sendo o único representante da natureza consciente de si mesma, ou melhor, ainda que seja capaz de criar mundos, culturas e modos de ser e de viver em uma condição peculiar diante das demais formas de vida, requer, para sua própria preservação enquanto espécie e indivíduo, uma revisão de seus valores tradicionais consubstanciados na crença de sua soberania – ou soberba – frente à vida em sua totalidade. Por isso, entendemos que o humanismo de Serres não se limita aos ideais de uma formação ou educação humanistas, juntamente com uma formação científica, sem o imediato reconhecimento da responsabilidade dessa formação interdisciplinar para um urgente "armistício" de uma *guerra não-declarada* entre o ser humano e o planeta Terra, cuja busca de equilíbrio poderá preservar a própria humanidade de sua autodestruição: "Devemos decidir a paz entre nós para salvaguardar o mundo, e a paz com o mundo, para nos salvaguardarmos a nós próprios" (SERRES, *O contrato natural*, p. 46).

Por isso o estilo literário do filósofo igualmente conciso, mesmo lacônico, onde talvez pudesse expor-se com maior precisão argumentativa se o comparássemos com o *estilo peculiar* da filosofia. Porém, tributário, como vimos, de uma formação científica da matemática e da física, pede à filosofia um recurso que esta não se permitia assumir: pois para a filosofia, a brevidade vetorial das relações que Serres estabelece com os objetos investigados não se coaduna com a paciência hermenêutica da "coruja de Minerva"²⁶, na medida em que esta

²⁶ "Minerva (para os latinos), ou Atenas (para os gregos), filha de Júpiter-Zeus, é a deusa da sabedoria. (...). Seu animal simbólico é a coruja. Hegel (1770-1831) fez da coruja o símbolo da filosofia" (Dic. Fil., p. 168). É de Hegel a frase "A coruja de Minerva levanta vôo ao crepúsculo", querendo com isso afirmar que a coruja de Minerva, ou sabedoria, chega sempre quando tudo está feito, portanto, demasiado tarde para dizer o que deve ser o mundo. Ou seja, trata-se de uma justificação racional da realidade, entendendo-se por esta não somente a natureza, mas das instituições histórico-sociais, o mundo humano. Por seu turno, Michel Serres entende que a sabedoria não consiste na passividade contemplativa ou especulativa do real "posto", mas exatamente na anúncia criativa do possível, da invenção e da transgressão da "efetividade" ou racionalidade do real a partir de proposições construtivas de projetos científicos

realiza seu vôo de reconhecimento quando tudo já está "posto" na ordem do real, e a partir dele consolida sua reflexão. Em Serres, como salientamos acima, o movimento do real passa por uma associação (ou fluxo caótico) em que não privilegia um dado fundamental, mas intervém numa ordem de fenômenos que se auto-referem, de alguma maneira, inesperadamente, para formar um todo, cujo sentido é dado pela própria trajetória *vetorial* das relações que estabelece, não havendo paragens possíveis para um descanso do pensamento, nem oásis para o refrigério do espírito que percebe a necessidade de se repensar um mundo voltado para a paz. Não há, enfim, contemplação, no sentido teórico, isto é, observação isenta. A formação humana para a paz mundial emerge vigorosa e sem concessões às disputas ideológicas calcadas em domínios exclusivos da verdade. Seu humanismo, portanto, transgride as disputas, as discussões, as defesas de verdades fundamentalistas, para dar lugar a um discurso onde todos compreendam a simbologia da palavra como unidade de entendimento, a fim de que um contrato de paz dos seres humanos entre si e estes com a natureza seja possível, para o benefício de ambos, e onde a educação deve concorrer para esta finalidade.

BIBLIOGRAFIA

BERNADAC, Marie-Laure ; DU BOUCHET, Paule. *Picasso, o sábio e o louco*. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Gallimard, 1986.

DICIONÁRIO BÁSICO DE FILOSOFIA. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

DICIONÁRIO DE MITOLOGIA GREGA E ROMANA. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. Nova Cultural, 1999.

PELIZZOLI, M. L. *A emergência do paradigma ecológico: reflexões ético-filosóficas para o século XXI*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SERRES, Michel. *Diálogo sobre a ciência, a cultura e o tempo: conversas com Bruno Latour*. Trad. Serafim Ferreira e João Paz. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

_____. *Filosofia mestiça*. Trad. Maria Ignez Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. *Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Unimarco, 1999.

dimensionados à finitude humana.

_____. *O contrato natural*. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

WEIL, Simone. *A gravidade e a graça*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993 (Col. Tópicos).